

O Retrato do Sapateiro em *A Pata da Gazela**

Claudia Raquel Wagner**

O sapateiro remendão, da mesma forma que trabalha artesanalmente o couro, é também um artesão da vida transformando a sua e a de outros num produto sólido, útil e único.

(Michel Foucault – *Isto não é um cachimbo*)

Resumo: Ao longo da História, o ofício de sapateiro desempenhou um importante papel na melhora da qualidade de vida, transformando rudes materiais em produtos que proporcionam conforto e beleza a quem os calçava. Todavia, mesmo sendo uma profissão importante na vida das pessoas, ela ficou à margem da sociedade, fato observado por sua rara representação na literatura. Diante deste fato, objetiva-se, com este artigo, analisar, através de um estudo interdisciplinar entre História e Literatura, o retrato da classe dos sapateiros no romance brasileiro *A pata da gazela*, de José de Alencar, que, embora apareça em segundo plano no romance, tem um papel importante no enredo.

Palavras-chave: Sapateiro; José de Alencar; Literatura Brasileira.

* Agradeço aos pareceristas pelos comentários pertinentes que contribuíram para o aprimoramento deste texto.

** Professora de Língua Portuguesa da FASB (Faculdade São Francisco de Barreiras). Pós-graduanda, *lato-sensu*, em Educação Virtual e Presencial em Docência no Ensino Superior pela UCB. Graduada em Letras pela UNISINOS. E-mail: crw_wagner@hotmail.com.

Resumen: A lo largo de la historia, el oficio de zapatero jugado un papel importante en la mejora de la calidad de vida, la transformación de materiales en bruto en productos que proporcionan comodidad y belleza a los que llevaba. Sin embargo, a pesar de ser una profesión importante en la vida de las personas, se quedó al margen de la sociedad, un hecho conocido por su representación raro en la literatura. Ante este hecho, el objetivo es, con este artículo, analizar, a través de un estudio interdisciplinario de la historia y la literatura, la imagen de la clase de los zapateros en el romance brasileño *A pata da gazela*, de José de Alencar, quien, a pesar de que aparece en el fondo en el romance, tiene un papel importante en la trama.

Palabras clave: Zapatero, José de Alencar, Literatura Brasileña.

Introdução

Desde a Revolução Industrial, o ofício de sapateiro está perdendo espaço para a produção industrial em larga escala de sapatos, fato que reduz o preço do produto e faz com que o consumidor prefira comprar novos sapatos ao invés de mandar consertá-los. Além do custo da manufatura, há, também, outro fator que desestimula os consumidores a buscar esse serviço: a demora na fabricação manual dos calçados. Não obstante, na História da humanidade, a classe dos sapateiros teve um papel muito importante, principalmente antes da Revolução Industrial, uma vez que o produto que fabricava, o sapato, não servia apenas para contribuir à estética, mas, sobretudo para a proteção dos pés.

Embora o ofício de sapateiro tenha desempenhado um importante papel no progresso da humanidade, nem sempre ele foi devidamente valorizado, como retratam Hobsbawm e Scott (1988, p. 163): “sem dúvida um elemento de *status* baixo parece ter persistido, possivelmente também influenciado pela reputação de desleixo físico do sapateiro”. Por outro lado, mesmo que seja uma profissão que não goze de muito prestígio, encontram-se, ao longo dos tempos, grandes intelectuais como Jacob Boehme e Máximo Gorki que foram sapateiros.

Diante dessas considerações, analisar-se-á, a seguir, a figura do sapateiro em um contexto interdisciplinar nas áreas da História e da Literatura. Assim sendo, na concepção de Reis (2003), a Literatura, mesmo que represente ficcionalmente as esferas históricas, sociais e culturais, ainda mantém contato com elas, revestindo-se de certo significado histórico-cultural. “Na literatura é possível surpreender também uma dimensão histórica, que leva a acentuar a sua capacidade para testemunhar o devir da História e do Homem e os incidentes de percurso que balizam esse devir” (REIS, 2003, p.24). Com base neste diálogo entre a História e a Literatura, realizar-se-á neste trabalho uma pesquisa histórica a fim de compreender a configuração da profissão de sapateiro. No âmbito literário, far-se-á uma análise do sapateiro e de sua representação no romance de José de Alencar, *A pata da gazela* – optou-se por este romance, principalmente, pela dificuldade em se encontrar obras que representassem a figura do sapateiro e pelo destaque que este ofício recebeu na obra.

História e Literatura: um diálogo possível

Uma visão positivista não vê com bons olhos o diálogo entre a Literatura e a História, pois, equivocadamente, tem-se a ideia de que uma aproximação entre ambas as áreas acabaria por banalizar a História, de modo que, conforme Peloggio (2004), muitos historiadores se sentem desconfortáveis com o emprego de fontes mais estéticas que “documentais”. Para o autor, esse é um dos elementos que mais cria obstáculos ao avanço do conhecimento historiográfico, pois, contrariando a crença positivista, esse diálogo tem se mostrado frutífero, uma vez que possibilita a análise do mesmo objeto sob diferentes ângulos (PELOGGIO, 2004).

Com base na possibilidade de realização de um estudo interdisciplinar entre estas áreas, ao se considerar uma obra literária, é preciso ter em mente que ela, como toda forma de arte, tem como

ponto de partida a realidade, a vida, que através do espírito do artista a transfigura na forma de língua escrita dentro de um gênero, tomando forma em uma nova realidade. No entanto, para Coutinho (2008, p. 24), a realidade da ficção difere da realidade da história, pois:

O artista literário cria ou recria um mundo de verdades que não são mensuráveis pelos mesmos padrões das verdades factuais. Os fatos que manipulam não têm comparação com as da realidade concreta. São as verdades humanas gerais, que traduzem antes um sentimento de experiência, uma compreensão e um julgamento das coisas humanas, um sentido da vida, e que fornecem um retrato vivo e insinuante da vida.

Contudo, se a realidade da Literatura difere da realidade da História, é no retrato das verdades da condição humana geral que se torna possível fazer uma aproximação da Literatura com a História, pois a representação dessas verdades na Literatura, de certa forma, também é a representação das mesmas verdades no âmbito da História (COUTINHO, 2008).

No entanto, para alguns historiadores, como Borges (2010), até mesmo a expressão artística da sociedade por meio da Literatura pode servir como fonte de pesquisa histórica, uma vez que pode ser entendida como uma forma de leitura da realidade. Assim, destaca o autor, que a Literatura expressa em todos os seus gêneros “uma configuração poética do real, que também agrega o imaginado, impondo-se como uma categoria de fonte especial para a história cultural de uma sociedade” (BORGES, 2010, p. 108). Peloggio (2004) complementa esta ideia ao defender que a imaginação do escritor na literatura parte de acontecimentos reais, no entanto, ao transpô-los no papel, o escritor os transfigura através de sua visão de mundo. Destaca-se que esta transfiguração não impede o conhecimento do passado, mas, por outro lado, permite a reconfiguração da História.

Assim, o conhecimento histórico não se torna uma verdade intransigível, porém apresenta-se como um traço enunciativo, de alguém que expressa seu modo de ver o mundo, fato que renova e transforma a História (PELOGGIO, 2004).

Nessa perspectiva histórica, Pesavento (2000) considera que, apesar de a História ser considerada como uma ciência que trabalha com fatos acontecidos e com homens reais ela não é “mimese” daquilo que um dia aconteceu. Para a historiadora, “há sempre a presença de um narrador que mediatiza aquilo que viu, vê ou ouviu falar e que conta e explica a terceiros uma situação não presenciada por estes” (PESAVENTO, 2000, p. 34). Nesse sentido, é necessário que se repense a História, não mais como uma área que conta *a verdade*, mas que apresenta pontos de vista de um narrador – observa-se que não se quer, com isso, tirar o caráter científico da História, mas é preciso relativizar os discursos históricos para que não se tornem discursos hegemônicos –, por esse motivo:

O historiador é obrigado a realizar sempre uma ficção perspectivista da história, dado que é impossível a existência de uma história que recolha simplesmente o passado nos arquivos... Não se chega, pura e simplesmente, a fatos aprioristicamente estabelecidos por fontes. A história é, neste sentido, sempre construção de uma experiência, que tanto reconstrói uma temporalidade quanto a transpõe em narrativa (PESAVENTO, 2000, p. 38-39).

Assim sendo, observa-se que a Literatura, vista como uma forma de representação social e histórica, pode se tornar uma importante fonte para a pesquisa histórica, uma vez que, aos olhos de um ator social, ou seja, conforme o ponto de vista de alguém que, através de suas experiências, efetua uma leitura da realidade de uma determinada época, descrevendo costumes, regras, atitudes, formas de vestir... sendo este relato uma fonte histórica. Nesse sentido, a Literatura

possui regras próprias de produção e de aproximação com o real, uma vez que cria um mundo possível por meio da narrativa. Dessa forma, “ela dialoga com a realidade a que refere de modos múltiplos, como a confirmar o que existe ou propor algo novo, a negar o real ou reafirmá-lo, a ultrapassar o que há ou mantê-lo” (BORGES, 2010, p. 98-99).

Nesta perspectiva, Antonio Candido (2006) destaca que, em uma análise literária, a abordagem deve articular tanto os aspectos internos da obra, que consistem em seu conteúdo, que engloba suas temáticas, tramas e dimensões formais, estéticas, quanto os aspectos externos, que se referem ao contexto social e temporal em que foi escrita. Essa abordagem se justifica pelo fato de que os aspectos externos influenciam a constituição da estrutura, tornando-se igualmente, em certo ponto, aspectos internos. Com isso, destaca o autor que, para uma análise global de uma obra, não se pode apenas considerar unilateralmente as áreas da sociologia, linguística ou psicologia, mas “utilizar livremente elementos capazes de conduzirem a uma interpretação coerente” (CANDIDO, 2006, p. 17). No entanto, é importante destacar que análises que evidenciem apenas um desses elementos são permitidas, desde que sejam considerados como um dos componentes da estruturação da obra.

Diante dessas considerações, para uma análise interdisciplinar da figura do sapateiro em *A pata da gazela* deve-se levar em consideração que se trata de um romance urbano, o qual retrata a sociedade fluminense do século XIX. No romance, José de Alencar destaca, principalmente, as relações sociais entre as classes, recebendo destaque o contraste entre os personagens Horácio – rapaz que frequenta os salões de festas do Rio de Janeiro, um rei da vaidade, mas que mantém relações interpessoais baseadas em interesses – e Leopoldo, moço que não possui riquezas, nem beleza, mas cuja índole é pura e sincera (BORGES, 2003).

Neste trabalho, não se pretende analisar de forma exaustiva as possibilidades de diálogo entre a Literatura e a História, no entanto, busca-se evidenciar de que forma um olhar interdisciplinar contribui para uma visão mais global sobre a figura do sapateiro no romance *A pata da gazela*.

A importância dos sapatos e o ofício de sapateiro

O sapato, com o passar dos anos, sofreu inúmeras modificações, motivadas pela tendência da moda ou pelos recursos disponíveis para sua fabricação. Apesar disso, calçar um sapato não atendeu somente a um apelo estético, mas, sim, a uma necessidade, a um cuidado com o corpo, fato que contribui(u) para melhorar a qualidade de vida das pessoas, pois os calçados destinam-se a proteger as extremidades dos membros inferiores. Todavia, nem sempre as pessoas tiveram condições financeiras de possuir um calçado, por esse motivo, eram obrigadas a andar descalças. Essa circunstância fazia com que as pessoas desenvolvessem sérios problemas em seus pés. Como relata Siegrist (2006), o fato de andar com os pés despidos, ao longo do tempo, estimula o organismo a criar uma grossa camada de pele na sola do pé, como uma espécie de proteção natural. Contudo, em determinados momentos, ocorrem rachaduras, principalmente, no calcanhar, que causam muita dor (SIEGRIST, 2006). Outro problema vivenciado por quem anda descalço é o fato de estar à mercê das mudanças climáticas, como a neve, nas regiões próximas aos polos, ou o calor do solo, nas regiões equatoriais, situação que pode estimular o desenvolvimento de outros tipos de complicações e afetar a saúde dessas pessoas.

Além disso, o sapato também protege contra doenças transmissíveis pelo solo, fato que motivou, até mesmo, Monteiro Lobato, na literatura, a ilustrar essa situação com o personagem Jeca Tatu. Esse personagem – depois de conversar com um médico, que passa por

sua propriedade rural – descobre que adquiriu ancilostomose, doença popularmente conhecida como *amarelão*, através da terra contaminada. O médico lhe esclarece que adquirir hábitos higiênicos e andar calçado são medidas que podem evitar a doença (LOBATO, 2008).

Ante os benefícios do uso de calçados, é necessário abordar o contexto histórico de sua fabricação. Não se sabe ao certo em que época a humanidade passou a usar calçados, porém, de acordo com Ferreira (2010), diversas pesquisas evidenciaram que o uso de calçados já era feito na pré-história e variavam sua forma e seu material conforme o lugar e a matéria-prima que esses homens tinham a sua disposição. No entanto, é necessário registrar que o sapato, ao longo dos tempos e das diferentes sociedades, foi visto como indicador de *status* social. A autora registra, por exemplo, que na sociedade egípcia apenas os aristocratas possuíam sandálias, que eram enfeitadas com pedras preciosas, enquanto que os pobres andavam descalços. Na Grécia antiga, as cores das sandálias serviam para distinguir não somente a classe social, como também o gênero a que pertenciam.

Enquanto que na Antiguidade o tipo de calçado mais comum era a sandália, a partir da Idade Média, os sapateiros começaram a desenvolver modelos mais sofisticados, como sapatos fechados e botinas. Essa sofisticação impulsionou as extravagâncias das classes mais abastadas, que viram no calçado uma forma de ostentar suas riquezas, uma vez que se observam diferentes e estranhos padrões nos modelos de sapatos da época. Entretanto, os sapatos somente seguiram a tendência da moda a partir do Renascimento, época em que as cidades começam a se desenvolver de forma mais expansiva e o homem passa a se diferenciar dos demais pela aparência, tornando-se um ser mais individualista (FERREIRA, 2010).

Mesmo que a produção de sapatos tenha se voltado para as tendências da moda, ela ainda era detida pelos sapateiros que fabricavam artesanalmente este produto. Com uma demanda crescente

de sapatos, a profissão de sapateiro dispersou-se em um número considerável, tanto no campo como na cidade (HOBSBAWM; SCOTT, 1988). Todavia, como a produção era manual, os custos eram mais elevados e o tempo de fabricação maior, em comparação com os preços dos calçados que se compram hoje. Como efeito disso, pessoas que não tinham um alto poder aquisitivo restringiam-se ao mínimo necessário. Segundo Siegrist (2006), antes da produção em larga escala dos sapatos, grande parte das pessoas possuía, basicamente, apenas dois pares de sapatos – um que se utilizava para trabalhar, o qual podia ficar sujo, e outro que se usava dentro de casa e que deveria permanecer limpo. No entanto, para quem não tinha condições de mandar fabricar um sapato, não restava alternativa, senão andar descalço.

Essa situação passa a mudar a partir da Revolução Industrial, uma vez que a produção em larga escala fez com que os preços dos calçados baixassem, facilitando a aquisição de sapatos por um número considerável da parcela populacional. Neste quadro, percebe-se que, se por um lado, a Revolução Industrial permitiu que as classes menos favoráveis tivessem acesso ao calçado, por outro, a profissão de sapateiro diminuiu e continua a decair, de modo que está tornando-se cada vez mais rara a fabricação ou o conserto de sapatos por esses profissionais (SIEGRIST, 2006).

Apesar da diminuição do número de sapatarias nos dias atuais, a contribuição deixada por esses profissionais é notória. Devido a sua importância, é preciso que se investiguem as peculiaridades do ofício, como a divisão das funções que ocorreu com o passar dos anos. De uma forma geral, conforme pesquisas de Hobsbawm e Scott (1988), nos primórdios, os sapateiros faziam todo o serviço, desde a curtição do couro até a confecção do sapato. Depois, esses profissionais dividiram-se entre curtumeiros, sapateiros e vendedores de sapatos basicamente. Há outra importante distinção neste setor, entre o ofício

de sapateiro – que se constitui de fabricantes de sapatos, profissão que é mais respeitada por pessoas da área, por fabricarem produtos de maior qualidade – e o de remendão – que são aqueles que se limitam a consertar os sapatos, e, por vezes, até fabricá-los, embora a qualidade não seja tão boa quanto a de um fabricante (HOBSBAWM; SCOTT, 1988).

Outra particularidade da profissão de sapateiro está na forma como o ofício é aprendido. Aos jovens aprendizes eram ensinados os segredos dos mestres. Todavia, os novatos deveriam prestar muita atenção ao que lhes era ensinado, uma vez que saber os segredos do mestre, poderia garantir, futuramente, um bom trabalho e uma ótima clientela. Segundo Malatian (1996), desde cedo os adolescentes já eram inseridos nas sapatarias, onde o mestre passava seus conhecimentos adquiridos através de suas experiências. No entanto, os mestres não ensinavam seus segredos aos novatos sem um benefício a curto ou a médio prazo: “o aprendizado deveria ser custeado pelo iniciante seja na forma de trabalho não remunerado, seja mediante pagamento direto, ou ainda, como parte das relações informais de solidariedade associadas ao parentesco” (MALATIAN, 1996, p. 202).

Para aprender o ofício, atenção não era a única habilidade que os aprendizes deveriam ter, mas, também, precisavam ser ágeis e hábeis para a fabricação dos sapatos, devido ao fato de a profissão de sapateiro exigir um grande esforço manual. Nesse sentido, o próprio corpo transforma-se em um instrumento de trabalho. Isso se torna visível quando se observam as mãos de um profissional que vem desempenhando esta função há um tempo considerável, como destaca o relato de Cunegatto, Rocha e Eckert (2005, p. 4): “suas mãos eram machucadas, acinzentadas da mistura couro - cola, os dedos cortados, unhas curtas e lascadas; as mãos demonstravam os longos anos de trabalho”.

Outro fator peculiar da profissão de sapateiro enquanto manufatura, é o caráter familiar das sapatarias. Conforme Malatian (1996), a produção de sapatos era realizada em pequenas unidades familiares, situadas nas residências dos proprietários dos negócios, com emprego reduzido de assalariados. “O mestre, poucos artesãos assalariados, e um ou dois aprendizes, bem como a esposa do mestre, parecem ter constituído o estabelecimento típico ideal do ofício” (HOBBSAWM; SCOTT, 1988, p. 158).

Basicamente, essas são as características que constituem o ofício dos sapateiros, tanto na Europa Ocidental como no Brasil – uma vez que a profissão de sapateiro chegou ao país através dos imigrantes europeus. Será por meio dessas constatações que se passará a analisar a figura do sapateiro no romance de Alencar.

A representação do sapateiro em *A pata da gazela*

A pata da gazela é um romance cujo enredo se passa na corte do Rio de Janeiro do século XIX, tendo sido publicado originalmente em 1870. Neste romance observam-se vários elementos intertextuais com o conto de fadas *Cinderela*, principalmente em relação ao sapato de cristal, que na narrativa brasileira se refere à botina da personagem Amélia, em alusão metafórica à pata da gazela, título da obra (CAVALCANTE, 2010).

Em *A pata da gazela*, o pé torna-se um elemento importante, uma vez que ele vai ser o objeto da paixão do personagem Horácio, que encontra a botina de Amélia, perdida pelo laçao ao sair apressado de uma sapataria. O rapaz leva-a para casa e descobre vestígios de um gracioso pé; a partir de então, o jovem é acometido por uma paixão avassaladora por este membro e tenta fazer conjecturas a fim de saber a quem pertence o pequenino objeto. Nesse sentido, o psicanalista Bruno Bettelheim faz uma importante observação a respeito

do motivo que leva o inconsciente masculino a se apaixonar pelo pé feminino, uma vez que “o pezinho bonito exerce uma atração sexual inconsciente, mas em conjunto com um sapatinho belo e precioso [...] símbolo de algo muito desejável na mulher, desperta o amor do homem” (1980, p. 308-9).

Além disso, Bettelheim ressalta que na China, local onde a história da Cinderela foi primeiramente registrada, o pé pequeno era sinal de feminilidade:

o incomparável pezinho como um sinal de virtude extraordinária, de distinção e beleza, bem como o sapatinho feito de material precioso são facetas que indicam a origem oriental, mesmo que não necessariamente chinesa. O ouvinte moderno não associa a beleza e a atração sexual em geral com um pezinho extremamente pequeno, como faziam os antigos chineses, de acordo com o costume de enfaixar os pés das mulheres (BETTELHEIM, 1980, p. 277).

Devido ao fato de a botina de Amélia exercer um importante papel na urdidura, verifica-se que a classe dos sapateiros – mesmo aparecendo em segundo plano –, tem um papel fundamental no romance, uma vez que são a eles que o personagem Horácio recorre para encontrar informações a respeito da misteriosa dona do sapato. No entanto, é através deste personagem que José de Alencar faz uma crítica à burguesia fluminense, pois para o orgulhoso Horácio – que só frequenta as altas rodas da sociedade, dos elegantes e, por isso, se considera um leão, o rei desta “selva burguesa” – ter que se submeter à classe de operários, que ele, antes, somente lembrava-se de amaldiçoar, para procurar informações consistia-se em uma tarefa humilhante: “um leão de raça, como ele, não passeia ao escurecer, sobretudo no centro do comércio, onde só ficam os que trabalham. Seria misturar-se com os leopardos que aproveitam a ausência dos reis da moda, para restolhar

alguma caça retardada” (ALENCAR, 2009, p. 30). Nesse sentido, evidencia-se que, para a alta sociedade, se misturar com pessoas de classes mais baixas era uma atitude indigna, pois, na mentalidade dessas pessoas, os operários tinham como dever servir aos mais ricos; é necessário destacar que para a classe dos operários, ver pessoas da alta sociedade em horários não habituais também gerava estranheza. Esse fato mostra como os limites de uma classe para outra eram bem demarcados. Outra questão que merece destaque neste trecho é o fato de que aos burgueses se destinavam os melhores produtos, e às classes menos favorecidas, somente o que sobrava deles ou produtos de qualidade inferior.

Além disso, o fato de as pessoas terem visto Horácio nas ruas, junto com trabalhadores, em horários não comerciais, causou estranheza e gerou comentários. Esta é outra crítica de José de Alencar à sociedade da época, pois certas mudanças de comportamento de pessoas que frequentavam os altos círculos sociais eram vistas como escândalo, tornando-se tema de fofocas nestes meios; isso evidencia a importância que estas pessoas davam aos comentários sobre a vida alheia. Assim, Horácio, para disfarçar sua paixão e o real motivo que o levou a procurar os sapateiros (e, dessa forma, se resguardar dos comentários alheios), inventou que havia feito uma aposta com uma senhora: que na corte não se encontravam três pés de senhora que calçavam o número 29, e, para isso, precisava de uma lista com a relação de todos os nomes de mulheres que calçavam esse número (ALENCAR, 2009).

Contudo, o escritor ilustra que a classe dos sapateiros não era vista com indiferença e com desprezo somente pela classe mais alta, mas também por pessoas da mesma classe social. No romance, até mesmo um lacaio (ou seja, um trabalhador pertencente à mesma classe social destes artesãos) desrespeita um sapateiro, enquanto aguarda impaciente o término de um serviço: “Não posso esperar!

[...] Olhe da outra vez já se perdeu uma botina por sua causa, e eu é que levei a culpa¹” (ALENCAR, 2009, p. 40). Esse comportamento mostra que as relações que a sociedade mantinha com esta classe eram apenas comerciais. Além disso, a classe dos sapateiros é uma classe que, na corte fluminense, viveu à margem da sociedade, não recebendo por ela seu devido reconhecimento. É possível que esta visão negativa esteja associada ao estigma tradicional pelo qual os sapateiros eram reconhecidos, pois, conforme destacam Hobsbawm e Scott, as tradições dos sapateiros estavam ligadas ao lazer, à bebida e às canções: “como o lazer social e a bebida eram inseparáveis, as canções também ressaltavam a bebida, uma atividade pela qual os sapateiros celebrizaram” (1988, p. 160). Hábitos vistos com “maus olhos” pela sociedade, pois o trabalho e a bebida são uma associação reprovada pela sociedade, pois, para que um bom trabalho seja realizado, não se pode estar embriagado.

Apesar dos pontos negativos da profissão, Alencar ilustra, contudo, como o interesse e a necessidade podem modificar a concepção dos personagens sobre a classe dos sapateiros; pois, se antes, o personagem Horácio amaldiçoava estes artesãos, depois de perceber que poderia se beneficiar com as informações que a classe detinha sobre a misteriosa moça, sua opinião mudou drasticamente, chegando, inclusive, a sentir afeto por esses profissionais:

Horácio sentira-se de repente tomado de indefinível ternura por uma classe, de que antes só se lembrava para amaldiçoá-la: a classe dos sapateiros. Quando via um sujeito de avental de couro e sovela, o leão sentia-se atraído para aquele indivíduo, que talvez encerrasse o segredo de sua felicidade, seu futuro, sua existência (ALENCAR, 2009, p. 30).

¹ É necessário acrescentar, que embora o lacaio acusasse o sapateiro de perder o sapato, foi por um descuido do próprio criado que o sapato foi perdido.

A mudança de opinião em relação aos sapateiros, motivada por sua paixão, foi drástica, pois fez com que o personagem sentisse, inclusive, ciúmes do profissional que tocou o pé da moça: “Lembrando-se que esse operário talvez já houvesse tomado medida ao adorado pezinho, que essas mãos calosas teriam tocado a cútis acetinada do anjo de seus pensamentos, o mancebo sentia em si o furor de Otelo” (ALENCAR, 2009, p. 30-31). Nesse ponto, observa-se que Horácio, esquece-se momentaneamente das convenções sociais e demonstra, através dos ciúmes, o quanto ele gostaria de desempenhar o ofício de sapateiro apenas para poder ter o prazer de tocar o pé da dona da botina.

Nesse momento, através dos olhos de um apaixonado, Horácio passa a reconhecer uma outra dimensão do ofício dessa classe: de um trabalho rudimentar, este personagem passa a ver o trabalho do sapateiro com admiração, visto que a descrição do sapatinho de Amélia mostra o esmero e a delicadeza de um profissional que tem muita sensibilidade em transformar um simples sapato em uma obra-prima: “a botina desabrochada em flor, sob a inspiração de algum artista ignoto, de algum poeta de ceiró e torquês” (ALENCAR, 2009, p. 12). Nota-se que nesta descrição o narrador compara o sapateiro a um poeta, contudo, ao invés de um papel e de uma caneta (ou pena), o poeta dos sapatos faz sua “poesia” com o ceiró e a torquês, objetos indispensáveis ao serviço de sapateiro. Em outra passagem encontra-se, novamente, a comparação entre o ofício de sapateiro e o talento de um artista – neste caso, um escultor –, porém, neste momento, quem expressa esse ponto de vista é o próprio sapateiro, através da voz do narrador: “Para ele o calçado era uma escultura; copiava em seda e couro, assim como o cinzel copia em gesso e mármore” (ALENCAR, 2009, p. 37).

No entanto, Leopoldo, outro personagem deste triângulo amoroso, ao se apaixonar por Amélia, passa a procurar a moça por toda

a cidade do Rio de Janeiro, e, em determinado momento dessa busca, pensa ter descoberto que Amélia² possui um pé aleijão ao vislumbrar um pé disforme subindo a carruagem que levava a moça e sua prima, Laura. O jovem, embora chocado com isso, descobre em seu âmago que ama não apenas uma parte do corpo de Amélia, mas a alma da jovem. A seu modo, Leopoldo representa o outro lado da moeda, um rapaz pobre, mas que demonstra pureza de coração e lealdade; ou seja, através de seu caráter, José de Alencar evidencia um “elogio ao amor puro, verdadeiro e imaterial, assim como à espiritualidade elevada” (BORGES, 2003, p. 1).

Assim, com o olhar da pureza, da simplicidade, o personagem Leopoldo, ao observar o trabalho do sapateiro Matos para cobrir o pé disforme de Laura, percebe que este sapateiro é um grande artista, pois conseguiu, por meio de sua arte, transformar uma “monstruosidade” em um objeto de arte: “ali estava a imagem do aleijão, o calçado que outros sapateiros lhe fariam para cobrir a monstruosidade, sem a dissimular. Entretanto, o mestre fluminense conseguira, por um esforço feliz, desvanecer a deformidade sob a aparência de uma botina elegante” (ALENCAR, 2009, p. 39).

Nesta citação, observa-se um aspecto relevante no ofício dos sapateiros: nem todos profissionais desempenham um serviço de boa qualidade. A qualidade do serviço de Matos pode estar associada ao lugar onde ele aprendeu seu ofício de sapateiro, pois nesta profissão era comum que, desde cedo, os adolescentes já fossem inseridos nas sapatarias, onde o mestre passava seus conhecimentos adquiridos através de suas experiências (MALATIAN, 1996). Assim sendo, Alencar destaca que Matos foi iniciado nos segredos desta arte quando trabalhou por um tempo significativo em sapatarias de boa qualidade, onde aprendeu os segredos do ofício com os melhores

² Na verdade, quem possui o pé aleijão é Laura – prima de Amélia –, mas Amélia, para testar o amor de Horácio, finge ser dela o pé disforme.

mestres fluminenses: “a loja pertencia a um mestre fluminense, que trabalhara por algum tempo na casa do Guilherme e do Campàs, e se iniciara portanto em todos os segredos da arte” (ALENCAR, 2009, p. 36). Nota-se que a referência às casas francesas de sapateiros indica a procedência da qualidade do trabalho do personagem Matos, em virtude de essas casas oferecerem ao cliente uma garantia de que o serviço seria realizado da melhor maneira possível.

Verifica-se, no romance de Alencar, que o autor não se restringe apenas a retratar os sapateiros e suas obras, mas ele também faz menção a outras características que dizem respeito a esses profissionais. Como exemplo, pode-se citar a descrição do local onde trabalham, as sapatarias, uma vez que, no romance, destaca-se que elas estão estabelecidas em lugares pequenos, empregando poucos funcionários, demonstrando, com isso, seu caráter familiar, “[...] uma pequena loja de sapateiro, ou antes uma tenda, porque além do balcão via-se apenas uma tosca vidraça, contendo a obra de três oficiais que aí trabalhavam” (ALENCAR, 2009, p. 36).

Esta análise permitiu observar que, diferentemente da visão de críticos, como Lajolo (1998), que classificaram *A pata da gazela* como um romance secundário de Alencar, cuja finalidade era apenas entreter o leitor com peripécias sucessivas e cenas patéticas – chegando ao ponto de considerá-lo como pertencente ao “nível do romance ligeiro” –, Alencar estava, sim, preocupado em evidenciar, à sua maneira, os problemas da sociedade fluminense da época (COCCO, 2012). Nesse sentido, mostra-se que a classe dos sapateiros somente mereceu destaque depois que Horácio se conscientizou de que poderia se beneficiar com uma aproximação com esses trabalhadores; porém antes disso, os personagens demonstravam desprezo e indiferença para com esta classe; visão compartilhada também pela sociedade, como destacam os historiadores Hobsbawm e Scott (1988). A representação desta relação prova a coerência do romance de Alencar

com seu projeto de criação de uma literatura brasileira – criando as bases para a independência literária, sem as influências portuguesas –, respeitando o contexto social e cultural fluminense do século XIX. Assim, resumindo esta questão, nota-se que o romance de Alencar “percorreu, de modo profundo, o senso do real; no entanto, por causa da aliança entre história e poesia, dá-nos a falsa impressão de que seria frágil” (PELOGGIO, 2004, p. 92).

Considerações finais

Através desta pesquisa, evidenciou-se que um diálogo entre a História e a Literatura não só é possível, como também enriquece e possibilita uma análise mais global sobre a representação da figura do sapateiro no romance *A pata da gazela*. Nesse sentido, por meio de um estudo histórico verificou-se que a profissão dos sapateiros não sofreu grandes transformações tecnológicas no que se refere à fabricação de calçados. A maior mudança ocorreu devido às transformações da produção calçadista depois da Revolução Industrial, fato que possibilitou a redução dos custos e do tempo de fabricação. Dessa forma, pessoas de baixo poder aquisitivo, igualmente, puderam adquirir calçados, contribuindo para a melhoria de sua qualidade de vida. Por outro lado, o avanço da produção industrial está colocando em risco a profissão de sapateiro, uma vez que a procura por sapateiros está em crescente declínio. Além disso, observou-se que a classe dos sapateiros, ao longo dos séculos, não desfrutou de grande prestígio social, vivendo, muitas vezes, à margem da sociedade.

Através da análise literária do romance *A pata da gazela*, verificou-se que a classe dos sapateiros é vista de duas formas diferentes basicamente. Em um primeiro momento, a classe dos sapateiros é retratada de forma negativa, pois tanto Horácio (que representa a classe da alta sociedade) como o lacaio (que representa a classe dos trabalhadores) agem com indiferença ou com desrespeito para com

os sapateiros, quando mantêm uma relação estritamente comercial – é importante destacar que no século XIX, não havia indústrias calçadistas no Brasil, e, portanto, a fabricação de calçados era realizada manualmente no país, entretanto, esse fato não fez com que a profissão recebesse o prestígio social pela realização de um trabalho tão importante. No entanto, quando Horácio percebe que pode se beneficiar de uma informação que os sapateiros possuem, passa a demonstrar simpatia pela classe; ao ponto de, inclusive, se sujeitar às fofocas, humilhando-se ao frequentar sapatarias em busca de informações sobre a dona do sapato que ele encontrou. Por outro lado, temos a figura de Leopoldo, que representa a bondade e, pelo fato de possuir um bom coração, observa encantado que um sapateiro pode fazer de uma monstruosidade uma obra-prima – no entanto, é importante destacar que ele somente reparou no trabalho delicado do artesão, porque estava apaixonado pela jovem, pois antes disso ele também não havia dedicado a devida atenção ao esmerado trabalho desses artesãos.

Nesse sentido, verifica-se que os fatos históricos se apresentam como pano de fundo no romance de Alencar, uma vez que o escritor buscou nas crônicas históricas e na sua experiência os elementos históricos para a criação de seus romances (PELOGGIO, 2004). Esse interesse pelo escritor em buscar informações históricas pode ser comprovado pela própria narrativa de Alencar ao relatar a forma como procurou inspiração para escrever seus romances: “Devorando as páginas dos alfarrábios de notícias coloniais, buscava com sofreguidão um tema para o meu romance; ou pelo menos um protagonista, uma cena e uma época” (ALENCAR, 2000/2003, p. 12).

Assim observa-se, que diferentemente da visão de muitos críticos literários, José de Alencar não escreveu um romance ingênuo, apenas para agradar aos leitores da época. Conforme destaca Cocco (2012), trata-se de um romance da fase madura do autor, que dá os primeiros

passos na direção da criação de uma literatura nacional mais crítica em relação aos problemas sociais e, com isso, abre espaço para que também outros autores nacionais passem a fazer uma leitura mais profunda da sociedade brasileira.

Referências

- ALENCAR, José de. "A pata da gazela". São Paulo: Martin Claret, 2009.
- _____. "Como e porque sou romancista". Pará de Minas: Virtual Books Online M&M Editores Ltda, 2000/2003.
- BETTELHEIM, Bruno. "A psicanálise dos contos de fadas". Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BORGES, Valdeci Rezende. "A visão de mundo romântica em A Pata da Gazela, de José de Alencar". In.: ANAIS DO XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH. 1. 2003, João Pessoa.
- _____. "História e Literatura: Algumas Considerações". Revista de Teoria da História. Disponível em: < http://revistadeteoria.historia.ufg.br/uploads/114/original_ARTIGO%205__BORGES.pdf?1325259086> Acesso em: 11 Mar 2013 (2010). p. 94-109.
- CANDIDO, Antonio. "Literatura e sociedade". 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CAVALCANTE, Luiza Rosiete Gondin. "Entre o risível e o (des)encantado: um breve olhar sobre o humor em A pata da gazela, de José de Alencar". In.: ANAIS DA III SEMANA DE LETRAS – UFAL, 1. 2010, Alagoas: Universidade Federal do Alagoas, 2010.
- COCCO, Cristina Soto. "A presença de Victor Hugo em José de Alencar: o grotesco hugoano em A Pata da Gazela". 2012. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos e Literários e Tradutológicos em Francês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2012.
- COUTINHO, Afranio. "Notas de teoria literária". Petrópolis: Vozes, 2008.
- CUNEGATTO, Thais; ROCHA, Ana Luiza C.; ECKERT, Cornelia. "As técnicas corporais e o fazer antropológico: questões de gênero no trabalho de campo". Iluminuras. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9222/5307> Acesso em: 03 Mai 2012 (2005). p. 1-11.
- FERREIRA, Natalie Rodrigues Alves. "O calçado como artefato de proteção à diferenciação social: A história do calçado da Antiguidade ao século XVI". Ciência et

Praxis. Disponível em: <http://www.fip.fespmg.edu.br/ojs/index.php/scientae/article/view/238/108>> Acesso em: 10 Mai 2012 (2010). p. 83-92.

HOBBSAWM, Eric; SCOTT, Joan. W. "Sapateiros politizados". In.: *Mundos do Trabalho: novos estudos sobre a história operária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 149-189.

LAJOLO, Marisa Philbert. "A Cinderela da literatura brasileira". In: ALENCAR, J. *A Pata da Gazela*. São Paulo: Ática, 1998. p. 5-8.

LOBATO, Monteiro. "Urupês". In.: _____. *Urupês*. São Paulo: Globo, 2008. p.7-42.

MALATIAN, Teresa Maria. "Memória e identidade entre sapateiros e curtumeiros". *Revista Brasileira de História*. Disponível em: www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3804. Acesso em: 05 Mai 2012 (1996). p. 193-206.

PELOGGIO, Marcelo. "José de Alencar: um historiador à sua maneira". *Alea*. Disponível em: www.scielo.br/pdf/alea/v6n1/a07v06n1.pdf> Acesso em: 11 Mar 2013 (2004). p. 81-95.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. "Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura". *Revista de História das Ideias*. Disponível em: <http://rhi.fl.ufr.br/vol/21/spesavento.pdf> Acesso em: 11 Mar 2013 (2000). p. 33-58.

REIS, Carlos. "O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários". Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SIEGRIST, Amanda. "Schuhe": Einst und heute. Dezembro 2006. 40f. Maturaarbeit von Alexandra Siegrist 6a. Evangelische Mittelschule Schiers, Klosters, 2006.